SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Asso. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXX
JANEIRO
DE 1974
N.º 345

Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

UM PROBLEMA DE EDUCAÇÃO

CIVISMO — NECESSIDADE URGENTE

Por EDUARDO RIBEIRO

A crise desencadeada pelos países árabes com o embargo do petróleo, criou problemas difíceis aos países da Europa e, naturalmente, Portugal não poderia deixar de ser afectado, embora a situação não tenha atingido aqui a gravidade registada noutras nações. As autoridades, em palavras prudentes, aconselharam medidas de economia, que devidamente acatadas poderiam equilibrar a conjuntura. Parece que em benefício de toda a comunidade só uma única atitude seria de esperar da parte da população: o fiel acatamento das disposições e conselhos formulados. Ao invés disso, porém, os automobilistas são tomados de sofreguidão e não há gasolina que chegue para encher depósitos de carros velhos, recipientes de plástico que se esgotam nas lojas da especialidade, bidões e até banheiras, segundo se diz. As bichas crescem desmesuradamente e multiplicam-se as habilidades para açambarcar o produto.

Perante tão incrível procedimento crescem as recriminações e surge unânime a acusação de falta de civismo. A surpresa parece ser grande como se a necessidade de economizar os derivados do petróleo tivesse servido para revelar inesperadamente que o povo português carecia de espírito cívico.

O problema tem muito interesse para os educadores que, como nós, dirigentes escoteiros, precisam de estar bem esclarecidos acerca de nossos defeitos, para que a sua acção possa ser orientada no sentido de corrigir ou, pelo menos, atenuar reconhecidas deficiências. Mas o espantoso é que só agora tanta gente se tenha apercebido duma realidade que constantemente se evidencia nos mais diversos sectores. Então o civismo não é aquele sentimento que une os membros de uma comunidade, os cidadãos, para que sirvam solidariamente a cidade mesmo com prejuízo dos seus interesses ou conveniências pessoais?

Sem sairmos do automobilismo, fácil é encontrar bastas provas de que tal virtude não abunda infelizmente entre nós. Vejamos na estrada as ultrapassagens forçadas com perigo iminente para todos os utentes; a incrível falta de respeito pelas regras de trânsito; a impertinência com que se pretende que todo o mundo acelere ou se afaste para que o apressado encontre o caminho livre; os toques inúteis e estridentes de buzinas; os vulgares insultos entre pessoas engravatadas são tudo manifestações flagrantes da terrível falta de civismo que afecta a vida nacional e se verifica com a mesma intensidade noutros campos, onde as ultrapassagens criminosas, os atropelos, os insultos e os privilégios não são menores. A falta de civismo revela-se exactamente no facto de cada um se achar com direito a uma posição de favor, de excepção, exigindo todas as regalias para si e desprezando orgulhosamente a sorte dos seus concidadãos.

Noticia a imprensa algumas vezes que na Grã-Bretanha as autoridades policiais levantam autos de transgressão a membros da família real por infracções às regras de trânsito, facto que entre nós causa sensação. Trata-se no entanto de uma saudável lição de civismo, pois somente na igualdade de direitos e deveres de todos os cidadãos se pode encontrar a inspira-

Continua na pág. 5

MAIS UM ANO!

Sempre Pronto *entra com este número no seu 30.º aniversário de publicação.*

Encerrou-se assim mais um ano de esforço ao serviço de um elevado Ideal, cujo saldo resulta num amontoado de alegrias, tristezas, coragem, desalento, amizades, incompreensões.

Mas foi mais um ano!

E isso conta muito na vida de um pequeno jornal como o nosso, lutando dia a dia pela sua sobrevivência, alimentando-se exclusivamente do entusiasmo de quantos nele colaboram, suportado somente pela dedicação dos nossos assinantes e, por isso mesmo, servindo com alegria e determinação uma causa justa.

A reduzida equipa de jovens que lá longe no tempo iniciou a dura caminhada de Sempre Pronto *está ainda presente ao cabo de 29 anos.*

É um exemplo de tenacidade e coragem.

Mas não está só. O seu trabalho válido e honesto, além de criar raízes, também deu seus frutos e eis que a equipa inicial, reforçada desde há anos, continua firme no seu posto, numa manifestação de unidade e de respeito mútuo bem pouco usual nos tempos que vão correndo.

O ano que passou foi um ano de acentuada melhoria no nosso jornal. Frequentemente aumentámos o número de páginas e demos mais completa cobertura às actividades do escotismo nacional; dedicámos números especiais ao C. N. E. e à A. E. P. por ocasião dos aniversários das duas associações e estivemos presentes nos acampamentos nacionais realizados no Porto e em Leiria, fornecendo aos nossos leitores circunstanciados relatos dessas actividades e de outras que assinalaram as referidas efemérides.

Com muita satisfação alcançámos a meta da nossa Campanha para mais 200 assinaturas.

Foi uma manifestação de vitalidade e um alargar de horizontes que esperamos encontre correspondente na compreensão de quantos se interessam verdadeiramente pelo Escotismo.

O esforço continuará, pois, enquanto pudermos contar com a colaboração e amizade dos nossos leitores, interessados em servir como nós, devotadamente, uma Juventude que desejamos ver crescer em inteligência, consciente dos seus direitos mas também dos seus deveres para com o semelhante e a sociedade que ela há-de ajudar a reconstruir na VERDADE, PAZ e AMOR.

NAS PÁGINAS CENTRAIS:
DINIS CURSON
na entrevista que não chegou a realizar-se



GRUPO N.º 14

Inauguração da nova sede

Conforme anunciámos no passado mês, este grupo inaugurou, no dia 23 de Dezembro, a sua nova sede.

Encontra-se o grupo n.º 14, chefiado pelo sr. José Gamito, anexo aos Bombeiros Voluntários de Algés e a sua sede é numa dependência daquela corporação.

Cerca das 11 horas da manhã iniciaram-se as cerimónias da inauguração com o hastear das bandeiras e a leitura da Ordem de Serviço pelo chefe de grupo.

Seguidamente o sr. Comandante Augusto Campos Madureira, Presidente da Direcção do grupo, proferiu algumas palavras de agradecimento aos grupos e entidades presentes e historiou a breve ligação que os Bombeiros Voluntários de Algés tinham com o grupo n.º 14 dos Escoteiros de Portugal.

Afirmou que a Direcção dos Bombeiros não só custeara todas as obras de beneficiação da sede do grupo como pagara todas as dívidas que aquele grupo contraíra.

Continuou dizendo que o grupo 14 tinha todas as condições para trabalhar e que podia contar com toda a colaboração dos Voluntários de Algés, uma coisa apenas se exigia: é que praticassem bom escotismo e que a disciplina escotista fosse um marco saliente em todos os componentes do grupo.

Terminada a alocução a Direcção dos Bombeiros ofereceu ao grupo um interessante Guião com as insígnias dos Escoteiros de Portugal.

Procedeu-se depois à distribuição de várias insígnias de classe, tendo depois os grupos feito uma visita às instalações do comando que ficam a alguma distância da sede.

Naquele local os escoteiros almoçaram e, cerca das 16 horas, deu-se início a um concurso interpatrulhas para disputa da Taça «Comandante Madureira» oferecida pela corporação dos bombeiros de Algés.

Desenhar um carro de incêndio, escrever uma redacção sobre o tema escotismo e bombeiros, e participar em vários jogos, foram os temas oferecidos às patrulhas.

Houve movimento e bastante participação por parte da rapaziada.

A classificação final foi a seguinte:

1.º lugar — Patrulha Tigre, grupo n.º 14 — 45 pontos; 2.º lugar — Patrulha Castor, grupo n.º 297 (CNE) — 40 pontos; 3.º lugar — Patrulha Falcão, grupo n.º 8 — 32 pontos; 4.º lugar — Patrulha Andorinha, grupo n.º 5 — 15 pontos; 5.º lugar — Patrulha Cão, grupo n.º 94 — 15 pontos; e 6.º lugar — Patrulha Tigre, grupo n.º 297 (CNE) — 10 pontos.

Terminou a actividade às 18 horas, tendo o Comandante Madureira manifestado grande satisfação naquele encontro.

* * *

A direcção do grupo n.º 14 é composta pelos seguintes elementos:

Presidente — Comandante Augusto Madureira.

Vice-Presidente — 2.º Comandante João da Cruz Fernandes.

Tesoureiro — Ajudante José Lourenço e ainda pelo chefe do grupo.

A direcção reúne todas as semanas, sendo os serviços administrativos e de secretaria integrados nos serviços do comando.

Sempre Pronto deseja ao grupo n.º 14 um feliz regresso.

A. I.

Quando te oferecerem um tóxico...

(Excerto da Ordem de Serviço n.º 9/73, do Grupo n.º 8 da AEP)

Na revista «Magnificat», Percy Patrick transcreve-nos o «Testamento de um jovem infeliz»: — Se alguém te oferecer um tóxico, demonstra ser mais homem do que eu fui. Não te deixes tentar por nenhuma razão e responde com um Não. Aprende pelos meus erros, por tudo o que me aconteceu. Espero que o meu gesto possa ajudar alguém e desejo que ninguém chegue a conhecer o inferno — SETE MESES DE INFERNO — através do qual eu passei. Talvez também encontres «amigos» que te ofereçam, grátis, um pouco da coisa, para, depois, sucessivamente, fazer-te pagar por ela. Depois, vender-te-ão um tipo mais forte, de princípio a preço reduzido. E, quando perceberem que te tornaste um viciado, aumentarão os preços. Não esqueças que a mesma pessoa que te vendeu a droga, terá também HEROÍNA, em reserva para ti.

E tudo isto porquê?...

Não certamente para tua felicidade; mas para obter dinheiro ao preço da tua vida. Os vendedores de droga só querem destruir-te para conseguirem o seu intento agarrar qualquer ponto fraco que lhe ofereças.

A droga pode dar uns momentos de falsa felicidade... Mas, a cada um destes momentos corresponde UM SÉCULO DE DESESPERO que jamais poderá ser apagado. A droga destruiu todos os meus sonhos de amor, as minhas ambições e a minha vida, que eu antes gostava de ter.

A única coisa de que posso felicitar-me é ter feito um pouco de bem durante a minha vida e esperar salvar com o meu gesto «QUEM AINDA ESTÁ A TEMPO DE SER SALVO.»

Cumprimentos a «Sempre Pronto»

Amigos dedicados de «Sempre Pronto» tiveram a gentileza de aproveitar a quadra festiva para nos manifestar a sua simpatia, endereçando-nos o seu cartão de *Boas Festas* com amáveis votos, que sinceramente muito agradecemos e retribuímos. Foram eles: De Lisboa, a sr.ª D. Jesuína Aurélio, e os srs. Armando Jaime Soares, Prof. Dr. João Faria Lapa, Otelo H. de Sousa; da Costa da Caparica, o sr. Luís Alves Miguel; do Porto, chefe Arnaldo Couto; srs. Bernardino A. Teixeira (Propaganda Escotista), Dr. Fernando de Meira Ramos, António Luís Garcia, José Luís Pinto Machado; de Viana do Castelo, o sr. António Miguelote de Castro Monteiro; do Entroncamento, o sr. Vítor Vergamota; de Alverca, o sr. António da Encarnação Amêndoa; de Olhão, o sr. António de Jesus Brito, de Angra do Heroísmo, os srs. Jacinto dos Reis, Moniz Silva e Professor Leopoldino Rocha Tavares; de Luanda, o sr. Sérgio Roque; de Moçâmedes, o sr. José Dinis Camacho; do Luso, o sr. António Augusto da Silva e Cunha; de Sá da Bandeira, o sr. Guilherme Campos; da Beira, o sr. Venâncio Fernandes. Do Brasil: os srs. Dr. António Ribeiro de Jesus, Comissário do Adestramento de Brasília; Eng.º Kaol Sugimoto, chefe escoteiro; Antigos Escoteiros da União dos Escoteiros do Brasil. Do Canadá Longview, o sr Bert Smith.

O Jornal «O Educador», de Lisboa. Os Grupos de Escoteiros de Portugal n.ºs 31, de Lisboa; 22, de Cacém; 4, 17 e 33 do Porto; 26, da Póvoa de Varzim; 24, do Funchal: 36, de Luanda, Direcção Regional do Norte da A. E. P.

O sr. António F. Xavier de Brito teve a gentileza de nos visitar para apresentar os seus votos de Boas Festas e prosperidades. O Sr. Justino E. Silva, Organizador Nacional do Jambori do Ar, deu-nos também o prazer de sua visita para formular votos de prosperidade para o Novo Ano.

NOTÍCIAS DE ALÉM MAR

Angola, Presente!

Novamente «O Grito!»

Acaba de surgir o n.º 2 de «O Grito», jornal do Grupo 39, que se propusera ser bimensal. Pois nós gritámos para que este número saísse há cerca de 10 meses, mas o nosso grito... talvez tenha sido ouvido! Quem sabe?

Este número tem uma apresentação diferente da primeira edição e tem melhor aspecto gráfico. Escotisticamente muito há a melhorar, uma vez que está no princípio e prometem, os seus editores, trazê-lo ao nosso convívio de dois em dois meses (será como da primeira vez?) e tentar melhorar a sua apresentação.

Foi agradável saber que o «39» passa a contar com uma máquina para fazer o jornal policopiografado, mas... cuidado com o jornalzinho e com os artigos inseridos. Por exemplo, na página 2, no artigo encabeçado com o título «Nota ao Acaso» lemos uma afirmação que não será a mais certa, porquanto se diz que em Angola não existem publicações escotistas. Então o Grupo 36, de Luanda, não envia para Benguela o seu jornal «O Penachinho»? Nós, há bem pouco tempo ainda recebemos na nossa redacção o n.º 6 do referido jornal do 36. Que se passa com os Grupos Angolanos da A. E. P. que parecem enveredar pelo desconhecimento mútuo?

«O Penachinho» foi certamente recebido em Benguela e estamos certos de que só por lapso foi ignorado por «O Grito». De qualquer forma, o seu a seu dono, amigos de Benguela: o «36» tem o seu jornal há cerca de dois anos. E é pena que «O Penachinho» não seja lido em Benguela, pois até tem certo interesse e lançou há tempo um concurso intitulado «O Penacho de Ouro», que bem interessante prometia ser e não encontrou o apoio que merecia.

Aguardemos agora de Luanda o próximo número de «O Penachinho» para ver o que dizem os nossos irmãos do «36».

Jarclouco

ESCOTISMO EM MOÇAMBIQUE

Um festival náutico para comemorar o Dia da Restauração na Cidade da Beira

O Clube Náutico da Beira convidou o Grupo 51 a participar numa regata à vela em que estavam já inscritas seis equipas para um percurso olímpico. O Grupo participou com dois barcos dos três que possui para provas desta natureza, concorrendo as patrulhas «Águia» e «Leão» que se classificaram respectivamente em 4.º e 5.º lugares. Aos dois escoteiros de cada patrulha que constituíam as equipas foram entregues medalhas desportivas.

Reina grande entusiasmo no Grupo pela prática dos desportos náuticos e natação, pelo que se esperam obter bons resultados noutras competições.

À noite, o Grupo promoveu uma sessão de cinema com filmes próprios para escoteiros, bem como documentários, destacando-se um referente ao I Acampamento Estadual do C. N. E., realizado em Agosto e em que participaram grupos dos Escoteiros de Portugal.

Construção da sede do Grupo n.º 51

Prosseguem activamente as obras de construção da sede do Grupo. As suas instalações ficarão a dispor, além de um hangar para barcos, de um ginásio para a prática de diversas modalidades desportivas e ginástica educativa, para que o se conta com a colaboração de um monitor colocado no Grupo a expensas do Conselho Provincial de Educação Física. — *Aníbal Horta.*

PÁGINA DO ESCOTEIRO



Para ti, irmão escoteiro



1973 chegou ao seu termo !....

É a altura dos balanços — balanço material (apuramento de lucros ou prejuízos) e balanço moral (de atitudes para com os semelhantes e de boas — ou más — acções).

Pergunto a cada um: Que fizeste durante esse ano ?...

Houve notas positivas na escola: trabalhaste procurando fazer «o melhor possível»... — E no Grupo ? — Qual foi a tua atitude para com os teus irmãos escoteiros ? E para com a tua consciência ?...

Progrediste em provas de classe e insígnias de aptidão, ou só pensaste em vir fazer umas horas de serão ? !...

Lembra-te de que tudo o que o Escotismo te dá, tem um valor extraordinário pela vida fora: SERÁS SEMPRE MELHOR DO QUE OS OUTROS, SE BEM PRATICARES AS NORMAS ESCOTISTAS.

Um abraço do
Irmão Escoteiro

Sinais com braços

Não há nada mais desagradável do que uma actividade escotista onde abundem constantes apitadelas, gritos e repetidos chamamentos de atenção que alguns chefes se vêem forçados a usar para conseguir alguma ordem com os escoteiros. Coisa feia e de muito mau efeito são as demoradas explicações acerca da forma que se deseja para uma reunião ou formatura de escoteiros.

No campo ou na sede o barulho produzido pela rapaziada pode tornar-se desagradável se o mesmo entrar no capítulo da indisciplina.

A indisciplina gera-se, normalmente, quando há confusão.

Com a confusão nada se consegue realizar.

É, portanto, necessário evitar a confusão numa actividade escoteira. Não precisamos de ser militaristas para conseguirmos a ordem, basta que todos obedeçam às indicações do chefe na linguagem de sinais que a seguir vamos descrever.

Tratam-se de sinais silenciosos em que o gesto diz tudo. O seu uso demonstra ordem e disciplina e dá excelente resultado. Alguns destes sinais foram usados pelos peles-vermelhas. Aqueles actuaram em completo silêncio nas suas explorações por causa dos inimigos. As suas comunicações eram feitas sem ruído, por simples gestos.

Os sinais que a gravura documenta e que vamos exemplificar são muito úteis também nos grandes jogos escoteiros. Se queres aprender mais alguns de natureza secreta, só para a rapaziada da tua patrulha, recomendamos-te a leitura das páginas 84 e 85 do « *Escotismo para Rapazes* ».

Repara agora atentamente na gravura :

1 — Reunir na retaguarda em círculo. Rodar a mão direita em círculo sobre a cabeça.

2 — Em frente (siga-me). Estender o braço direito verticalmente na direcção pretendida.

3 — Apressar (dois tempos). — Levantar e baixar o braço, dobrando-o no cotovelo, com a mão fechada.

4 — Abaixar (ocultarem-se). Estender os braços com as mãos e dedos bem abertos.

5 — Alto ! (Suspensão da marcha). Levantar o braço direito com a mão aberta.

6 — Atenção ! Quando pretender silêncio faça a saudação. Imediatamente, o primeiro escoteiro que veja fará calar o parceiro e assim sucessivamente. Núm ápice estará tudo calado. Não empregue qualquer palavra e conserve-se quieto.

7 — Formatura em círculo. Com os braços esticados e dedos unidos faça semicírculos em volta do corpo.

8 — Formatura em ferradura. Estique os braços abertos em 45°, lateralmente.

9 — Formatura em colunas paralelas. Estique os braços horizontalmente com as mãos abertas e dedos unidos.

10 — Abrir colunas de patrulha. Eleva os braços dobrados pelo cotovelo e mantenha as mãos abertas e dedos esticados.

11 — Fechar colunas de patrulha. A mesma posição anterior mas com as mãos fechadas.

12 — Destroçar. Cruzar os braços estendidos repetidas vezes em frente do corpo.

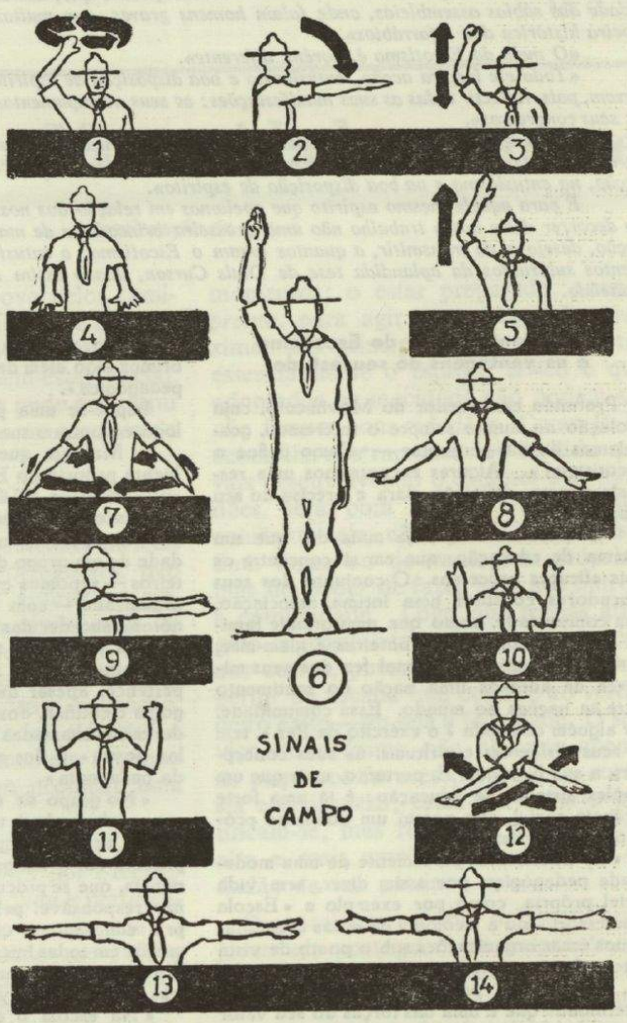
13 — Pela direita perfilar. Estender os braços e dedos, com as palmas das mãos voltadas para o solo, horizontalmente.

14 — Formatura em linha. A mesma posição anterior, mas as palmas das mãos para a frente.

No caso de utilizarmos os sinais para a formatura, a primeira coisa a fazer é a posição 6. Após o silêncio, faz-se o sinal da formatura que se pretende.

Treina estes exercícios com a tua patrulha. Se alguma vez os executares perante o público, este ficará impressionado com o garbo, disciplina e educação dos rapazes, características e virtudes bem escoteiras.

Pata de Lobo



APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA

DEPOIMENTOS DO DR. DINIS A. CURSON NA ENTREVISTA QUE NÃO CHEGOU A REALIZAR-SE

Dinis Curson foi, sem dúvida, um dos mais prestigiosos dirigentes que o Escotismo Português conheceu. Espírito culto, fina inteligência, estudioso aplicado, mereceu-lhe o Escotismo o mais vivo interesse, tornando-se um dos seus mais dedicados e valiosos dirigentes.

É um facto que o seu nome, bem como o de seu pai, o Dr. António Curson, estão gravados a letras de ouro na história da A. E. P. e na memória dos mais antigos escoteiros, mas a sua obra no Escotismo é pouco conhecida daqueles cuja intervenção no Movimento data apenas das últimas duas ou três décadas.

Considerado um verdadeiro «catedrático» do Escotismo, Dinis Curson foi escoteiro aplicado e mais tarde chefe do grupo n.º 11 que existiu no Liceu Camões, tomou parte no 1.º Jambori Mundial, realizado em Londres em 1920 e foi delegado à Conferência Internacional do Escotismo em 1922, Copenhague; em 1923 foi o 1.º Secretário do II Congresso dos Escoteiros Brasileiros, realizado no Rio de Janeiro, ao qual apresentou uma valiosa tese que mereceu o aplauso unânime dos restantes participantes; em 1924 era Comissário das Relações Internacionais da A. E. P.

Pena foi que bastante cedo se tenha afastado das lides escotistas, não tendo os seus profundos conhecimentos e valiosos conceitos sido transmitidos às gerações seguintes, facto que infelizmente sucedeu também com algumas outras figuras destacadas do Escotismo, do que resultou um inevitável empobrecimento dos quadros dirigentes, que levaram a um gradual enfraquecimento do Movimento, de que ainda não conseguiu ressarcir-se.

Dinis Curson era o previsto interlocutor de uma das sessões que dão assunto a esta nossa rubrica. Tudo estava já previsto, datas marcadas, quando fomos tristemente surpreendidos com a notícia da sua morte. «Sempre Pronto» referiu-se largamente ao passamento daquele nosso querido amigo, traçando com exactidão a sua extraordinária figura de Escoteiro.

Não queríamos, porém, deixar de incluir nesta galeria o nome prestigioso e algumas valiosas lições de Dinis Curson, já que elas definem bem uma figura e uma época do Escotismo de Portugal.

É nos preciosos documentos escritos que nos deixou, nomeadamente da sua intervenção no 2.º Congresso dos Escoteiros Brasileiros e em alguns dos textos da sua «Távola Redonda» publicados no mensário ESCOTISMO, nosso ilustre antepassado, que nos vamos basear para obter as respostas às questões que gostaríamos ter posto directamente a Dinis Curson.

Curioso será notar a perfeita localização no tempo e no espaço de algumas das respostas obtidas, o que por um lado vem provar à evidência a flagrante actualidade do Escotismo, mas que por outro nos pesa por denunciar alguns problemas que continuam infelizmente sem solução, não obstante decorridos já largos anos.

No preâmbulo da sua tese apresentada ao já referido congresso diz-nos:

«Podeis, por certo, estranhar a linguagem em que esta tese vai escrita. Carece ela daquele estilo sério e formal que costumam ter tais trabalhos, estilo que, de resto, se coaduna com a tonalidade das sábias assembleias, onde falam homens graves, que muitos anos passaram aspirando a poeira histórica dos alfarrábios».

«O meio do Escotismo é, porém, diferente».

«Todo ele inspira acção, entusiasmo e boa disposição de espírito. Entusiasmo e bom humor devem, pois, reflectir todas as suas manifestações: os seus acampamentos, como as suas festas, como os seus congressos».

«Para aqueles que não concordarem com esta maneira de ver, sirvam de desculpa ao autor os anos que tem passado entre os escoteiros onde o trabalho se inspira, como acima dissemos, na acção, no entusiasmo e na boa disposição de espírito».

É para aquele mesmo espírito que apelamos em relação aos nossos leitores, para que vejam no decorrer deste nosso trabalho não uma grosseira brincadeira de mau gosto, mas uma forma de acção, desejosa de transmitir, a quantos amam o Escotismo, o entusiasmo e os valiosos ensinamentos subtraídos da aplaudida tese de Dinis Curson, dando assim merecida divulgação ao seu conteúdo.

O ambiente social do Escotismo e as vantagens do seu estudo

Profundo conhecedor do Movimento, cuja evolução no mundo sempre o interessou, gostaríamos de lhe perguntar — «Como define o Escotismo?». Algures encontramos uma resposta directa, definição clara e precisa do seu pensamento:

«O Escotismo é hoje mais do que um sistema de educação, que em si concentra os mais eficazes processos. O conjunto dos seus educadores constitui uma íntima associação, uma comunidade, como que uma grande família, que se estende além-fronteiras e além-mar. O mais alto espírito fraternal fez dos seus milhares de adeptos uma nação do sentimento entre as nações no mundo. Essa comunidade, por alguém chamada «o exército da Paz», tem os seus dirigentes espirituais, as suas concepções, a sua história. É, portanto, mais que um simples sistema de educação: é já uma forte potência social, que possui um ambiente próprio e caracterís tco».

«Se tratássemos unicamente de uma modalidade pedagógica, por assim dizer, sem vida social própria, como por exemplo a «Escola Montessori» ou a «colónia de férias», estudaríamos essas organizações sob o ponto de vista restrito da técnica educativa, e seria tudo a fazer. Se tratamos, porém, do Escotismo, dessa fraternidade que é uma das forças do seu valor educativo, vasto campo de observação descobrimos algo além da aplicação pura da técnica pedagógica».

Impõe-se uma pergunta, duas mesmo, que logo encontram suas respostas:

— Mas em que consiste, então, esse ambiente próprio do Escotismo?

Em que se diferença de qualquer outro sistema de educação?

«Comparemos a actividade de um grupo de escoteiros — supomos que bem organizado — com o monótono suceder das classes de uma escola do tipo ao qual, ainda hoje, a maioria pertence, apesar da pedagogia científica, dos fundadores das chamadas «escolas novas» e dos radicais da pedagogia».

«No grupo de escoteiros o educando é um elemento activo a quem se procura dar a maior experiência, que se procura tornar responsável pela própria educação, a quem se auxilia em todas iniciativas. É a organização por patrulhas e o «badge system».

«Na escola o critério oposto. Não se cria a personalidade. O professor é quem vai, quase que abstraindo do aluno, procurar transformá-lo no cidadão útil, a golpes de ciência, pela craveira de programa. Em última análise, fazer com que o aluno fique aprovado. O resultado é que a personalidade do aluno não conta para caracterizar o ambiente da escola, a não ser os chamados *indisciplinados*, que mantêm o bom humor dos colegas, concorrem para criar lesões de coração aos mestres e fazem a todos perder tempo. No Escotismo, mercê do estímulo dado ao valor pessoal, a actividade é variada, interessante e maravilhosamente adaptada ao modo de ser dos rapazes».

Estão em causa os alegres acampamentos, a vida saudável do ar livre, os jogos movimentados e divertidos, o estudo fácil das maravilhas que a Natureza nos patenteia. Evocam-se as grandes concentrações escoteiras, em ambiente de perfeita harmonia e fraternidade, em que cada um procura apresentar aos outros algo de característico e inédito, mensagens do folclore e costumes do seus País.

E voltamos a nova comparação:

«Observemos ainda a escola. Como satisfaz ela a necessidade da criança brincar ao ar livre, de fazer barulho, se assim o entender, de deliciar-se na imaginação de um torneio medieval ou de uma caça ao elefante? Bem parcamente. Com alguns intervalos de recreio, de que se não tira partido educativo, meia dúzia de excursões — e isso às vezes — em que o professor vai dando a sua lição e não deixa, por amor à disciplina e ao decoro, a criança portar-se como *bom animal* que, instintivamente, desejaria ser; além disso, algumas narrativas históricas ouvidas na aula».

«Ora o Escotismo deixa a criança expandir-se à vontade ao ar livre, tanto quanto ela precisa e como precisa; satisfaz-lhe as suas tendências românticas, fazendo-a viver uma vida para ela de aventuras; dá-lhe como aos antigos Cavaleiros um Código de Honra, cerimónias, símbolos...».

«É portanto este um outro factor social que a escola comum não oferece».

Mandar e dirigir

Perante tão perfeita definição da verdadeira acção do Movimento, escalda-nos já no cérebro uma pergunta, a que a sua «*Távola Redonda*» responderá com clareza, pondo o dedo na ferida sem contemplações:

— Teremos sabido criar um escol de dirigentes capaz de saber transmitir à criança o valor total do Escotismo como movimento social?

«Um dos defeitos muitas vezes observados na vida associativa é sem dúvida o isolamento para que tende o superior, afastando-se da indispensável cooperação dos subordinados. Numa organização normal, isto é, consciente, um elementar critério de eficiência e justiça não concebe outro estado de coisas que não seja aquele que deriva da vontade dos componentes



Na companhia de B.-P., o Rei Jorge V da Grã-Bretanha passa revista ao contingente português, de que Dinis Curson fazia parte.

DO ESCOTISMO

— neste caso os « *subordinados* ». O « *superior* » não pode ser mais do que o órgão da minuciosa execução dessa vontade ».

« O bom senso e mesmo uma reduzida sensibilidade moral condenam, sob o ponto de vista associativo, o critério do « *rei na barriga* ».

« Não basta mandar porque se resolveu mandar. É necessário que se ponha o problema em equação, se reúnam todos os dados e que a verdade apareça. Ora tudo isto explica um trabalho árduo que exige a cooperação sincera, calma e esclarecida de todos ».

Lobitismo, em trabalho sério

Sabemos quanto se dedicou ao estudo do Lobitismo, analisando atentamente os diversos problemas de adaptação exigidos pela introdução daquele sector no Escotismo e chamando para eles a atenção dos dirigentes seus contemporâneos. As suas palavras, porém, soam-nos com estranha actualidade:

« Durante longo tempo, constituiu este movimento na A. E. P. e para a maioria dos chefes de grupo como que um desporto, uma curiosidade, não bem integrados na finalidade a atingir. Esboçam-se já há algum tempo certas atitudes de reorganização definitiva. Na verdade parece-nos que é tempo agora de estudar o caso e chamar a atenção de todos para a importância essencial que tem, adentro do movimento, a organização dos « *lobitos* ». Será um excelente meio de recrutamento, um viveiro de futuros *escoteiros*. Só esta razão, se mesmo puséssemos de lado o rendimento educativo, justificaria todo o caminho por parte dos organizadores ».

— Mas...

« Se houver condições para organizar um bom grupo de *lobitos* mas faltar um chefe — procure-se um chefe. Mas se este, embora autoridade pedagógica, for tão pessoa grande que já nem saiba — quando é preciso — correr e jogar e sentir-se feliz como um rapazinho, então é melhor lastimar que se tenha perdido uma boa ocasião de organizar um grupo ».

E revelando um extraordinário conhecimento do Escotismo e da mentalidade da criança não receia afirmar:

« Um escoteiro não é um ser impoluto que nunca deixou de cumprir a LEI. É um ente perfectível cuja evolução *tende* para o cumprimento da Lei. E um *lobito* é mesmo muitas vezes um complexo psíquico onde o moralista escandalizado disseca a perfídia, a inveja, a crueldade e outras metamorfoses do Mal ».

« Dizem-me que não devia ser. Mas é ».

« Que lhe havemos de fazer? »

Na história e geografia do Escotismo os caminhos do futuro

Perante o Escoteiro de tamanha envergadura, confiados no seu enorme saber, não nos envergonhamos de solicitar ajuda, tendo em vista encontrar seguros caminhos para o futuro do Movimento. Passemos pois em revista muitas das suas valiosas sugestões, pesemos-lhes a actualidade e aproveitemos o melhor que soubermos no final da preciosa lição:

« Olhemos primeiro em volta de nós. Que vemos? Uma legião de instituições nos mais diversos países, e que procuram expandir-se e aperfeiçoar-se. Algumas copiaram o que se fez na origem, outras já se adaptaram às novas condições, ainda outras desvirtuaram a ideia do criador do movimento ».

« Pois estudemos como estão diferenciadas, a estatística dos seus escoteiros, a adaptação às instituições políticas e religiosas, aos grupos sociais, às tradições, numa palavra, estudemos o estado presente do Escotismo e procuremos extrair as suas leis e sobre elas meditemos em relação ao futuro do Movimento na nossa Terra. Será isto a geografia do Escotismo ».

« Mas precisamos ainda de completar este ramo estudando a evolução dessas organizações. Olhemos então para trás de nós e tere-



O Contigente Português dirige-se ao Jambori da maioridade, em 1929, na Inglaterra.

mos o que não é mais do que a geografia no passado, a história do Escotismo ».

« Como auxiliares da geografia e da história temos um grande número de sub-ramos que se podem cultivar como passatempo ».

E passa à análise de diferentes ramos de estudo ligados à apreciação do Movimento, tais como a sua heráldica, simbologia, cancelografia (um neologismo que nos propõe), filologia, filosofia e estética, onde se poderiam ocupar adultos cientificamente evoluídos, mas sempre orientados por processos simples bem acessíveis à compreensão e interesse do garoto.

Porém, sem se esquecer, no meio de toda esta erudição científica, que fala de Escotismo, método essencialmente humano, vivido no dia a dia das coisas simples, depressa desce alegremente ao encontro dessa realidade para terminar afirmando:

« Dir-se-á agora que tudo é muito interessante, mas que o instrutor tem de se preocupar com *Fulano*, que não corta as unhas, ou de resolver onde hão-de levar água os escoteiros que não têm cantil. Não é razão. As lucubrações teóricas não são incompatíveis com a acção prática; pelo contrário, a sua estreita interdependência é que gera o verdadeiro progresso ».

Não podemos deixar de terminar, ainda que em homenagem póstuma, sem agradecer ao Chefe que foi, dos maiores que o Escotismo conheceu no nosso País, as brilhantes lições que nos deixou nos seus escritos, bem merecedoras de que os actuais e futuros escoteiros recordem com satisfação e respeito o nome de DINIS AUGUSTO CURSON e por ele gritem um altissonante B R.A.V.O.!

Paz à sua alma...

M. G.

Civismo — Necessidade urgente

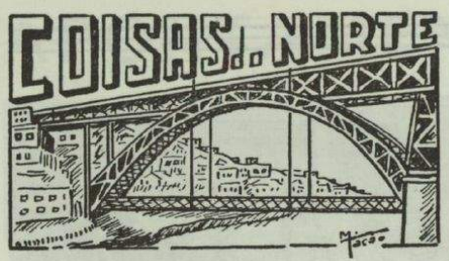
Continuação da pág. 1

ção que conduza um povo pelos caminhos amplos da solidariedade e adquira consciência da responsabilidade colectiva na harmonia e bem-estar social. Só assim uma nação se pode encontrar unida na hora do perigo ou em face do problema difícil.

O mundo vive uma hora conturbada. São muitas as preocupações que afectam os povos. Há problemas difíceis a equacionar e nós, Portugueses, não estamos isentos desses apuros e, até, alguns deles nos tocam ainda mais de perto. Talvez a crise do petróleo tenha servido para revelar com mais acuidade este infeliz defeito da nossa educação, competindo agora a todos nós dar o alarme para que se fomentem a tempo sentimentos que possam produzir uma tomada de consciência.

Também aqui o Escotismo, movimento de formação cívica por excelência, revela a sua actualidade e pertinência. O ideal de Servir que inspira; o sentimento de fraternidade que cultiva entre jovens de todas as etnias e classes; o hábito de ser útil em todos os momentos; o estar preparado, *sempre pronto*, para agir em serviço do próximo, são princípios em que se nutre essencialmente o espírito cívico e que adoptados na mocidade não podem senão formar bons cidadãos. Como B.-P. aconselha aos rapazes: «À medida que vais desenvolvendo o carácter e as aptidões, será bom que o teu objectivo constante seja, não apenas a conquista dum lugar ou de vantagens próprias, mas do poder de fazer bem aos outros, à comunidade. Logo que tenhas atingido a possibilidade de prestar serviço aos outros, puseste o pé no degrau superior da escada que conduz ao verdadeiro êxito — ou seja a felicidade. O serviço do próximo não abrange apenas os pequenos favores pessoais de cortesia e delicadeza; estes são bons e justificam-se; mas refiro-me a coisa mais alta e mais ampla — serviço como cidadão da tua pátria».

Proporcionemos pois o Escotismo à juventude portuguesa na certeza de que este movimento responde a uma necessidade urgente da educação nacional.



Póvoa de Varzim

Visita do Grupo 33 do Porto ao «26» da Póvoa

Os Escoteiros do novo e florescente Grupo 33, do Porto, foram no dia 16 de Dezembro à Póvoa de Varzim de visita aos seus camaradas do «26» desta cidade. O padre assistente desta unidade, Rev. Frei Bernardo, celebrou missa campal num altar construído em sobreiro por elementos do grupo poveiro, no largo do Bairro Nova Sintra, à qual assistiram os escoteiros e seus familiares. Os rapazes dos dois grupos confraternizaram, tendo os escoteiros do Porto visitado a sede do «26», onde apreciaram os trabalhos do agrupamento local.

O dirigente regional Chefe Arnaldo E. Couto esteve presente e participou na visita. — C.

Confraternização Escoteira

A convite do Agrupamento do C. N. E. de S. José de Ribamar, o Grupo n.° 26 dos Escoteiros de Portugal participou nas festas que aquela unidade promoveu em 3 do corrente para promessa de novos lobitos e compromisso de honra de novos escutas, cerimónias em que participaram cinco unidades de escutas.

Aos actos assistiram diversas entidades oficiais da cidade e muito público. O chefe Manuel da Silva Leite fez entrega em nome do «26» ao Agrupamento do C. N. E. de uma fita com as cores do seu grupo e o emblema da Associação dos Escoteiros de Portugal, como manifestação de amizade entre as duas unidades escoteiras.

Os efectivos presentes desfilaram pelas ruas da cidade, tendo colocado um ramo de flores no monumento ao Cego de Maio, patrono dos grupos do C. N. E., tendo sido entregue o comando do desfile ao chefe do grupo dos Escoteiros de Portugal, num gesto de amizade e boa camaradagem entre as duas associações. — C.

Os Escoteiros de Portugal colaboram na organização do trânsito

O Grupo 26, da Póvoa de Varzim, começou o ano de 1974 colaborando numa iniciativa municipal de regularização do trânsito na cidade, ajudando os peões a atravessar nos lugares próprios e nos cruzamentos onde se situam os semáforos, e esclarecendo o público das regras de trânsito. — C.

O «MENSAGEIRO DE BRAGANÇA» fala de Escotismo

Conforme dissemos em Agosto passado, o «Mensageiro de Bragança» tinha falado de Escotismo, mas tinha registado uma declaração menos exacta de dois jovens escutas que entrevistara. O nosso referido colega de imprensa aceitou lealmente o reparo que fizemos transcrevendo na íntegra a nossa nótula, que encerrou com as seguintes palavras: *Está feita a correcção. Obrigado.*

Cumpre-nos a nós agradecer a lealdade do «Mensageiro de Bragança», ao serviço da Verdade.

Custódio Antunes Macedo

Em 31 de Dezembro último, faleceu o sr. Custódio Antunes Macedo, de 82 anos de idade, casado com a sr.ª D. Carlota Ferreira Macedo e pai do nosso estimado camarada da equipa de administração de «Sempre Pronto», sr. Capitolino Ferreira Macedo; avô do chefe ajudante do Grupo 94, sr. Rui Horácio Filipe Macedo.

O funeral realizou-se no dia 5 do corrente para o talhão dos Combatentes no cemitério do Alto de S. João, tendo-se encorporado muitos amigos do extinto e de sua família, bem como os membros da redacção e administração do nosso jornal.

À Família enlutada e em particular aos nossos companheiros Capitolino Macedo e Rui Horácio Macedo apresentamos as mais sentidas condolências.



Gustavo Pereira da Costa

Em 26 de Dezembro último, faleceu o sr. Gustavo Fernandes Pereira da Costa, de 72 anos, casado com a sr.ª D. Maria da Piedade Fernandes Pereira da Costa. Este nosso estimado amigo era assinante de «Sempre Pronto» desde os primeiros números e foi um dos mais antigos Escoteiros de Portugal, membro do Grupo n.° 3, anexo ao Liceu Pedro Nunes. Grande entusiasta das reuniões de camaradagem, colaborou sempre na organização dos encontros dos antigos escoteiros daquela unidade. Desempenhou numa das últimas gerências da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal o cargo de vice-presidente da Direcção.

Era sócio fundador do Clube Nacional de Natação e um dos animadores do Círculo de Antigos Nadadores.

A sua viúva «Sempre Pronto» apresenta as mais sentidas condolências.

«SEMPRE PRONTO»

Administração

Os seguintes assinantes patrocinadores tiveram a amabilidade de nos remeter a importância de suas assinaturas: srs. António da Encarnação Amêndoa, António Francisco Xavier de Brito, Luís Alves Miguel, José Luís Pinto Machado (Porto), Adelino Vieira Pimentel (Angra do Heroísmo, e Prof. Dr. João Faria Lapa. A todos apresentamos o nosso muito agradecimento.

Também recebemos as seguintes ofertas para auxílio da publicação do jornal: sr. Fernando Gomes Carrão (50$00), sr.ª D. Jesuína Aurélio (50$00), sr. Dr. Ernesto Moreira, antigo escoteiro do Grupo n.º 1 e por intermédio de seu pai e nosso ilustre colaborador Rev. Eduardo Moreira, 400$00.

Reconhecidamente agradecemos a simpatia destes dedicados amigos.

Atraso de expedição

Circunstância inesperada e absolutamente fora do nosso controle, provocou algum atraso na saída do nosso jornal de Dezembro passado.

Apesar de não nos caber no caso qualquer responsabilidade, pedimos do facto desculpa aos nossos leitores.

O aniversário de «Sempre Pronto»

O delegado nos Açores do nosso jornal, que desde o primeiro número dedicadamente colabora com «Sempre Pronto», teve a amabilidade de nos dirigir o seguinte telegrama em 1 do corrente, data do nosso aniversário:

Ao iniciar hoje «Sempre Pronto» o 30.º ano da sua publicação, com votos de longa vida para o nosso jornal felicito calorosamente quantos nele trabalham com entusiasmo a bem do Movimento Escotista desejando-lhes igualmente um Novo Ano repleto de Paz e prosperidades.

a) *Jacinto Moniz Silva*
Delegado nos Açores



Gustavo Pereira da Costa (o segundo da esquerda) era um dos mais entusiastas promotores das reuniões periódicas levadas a efeito pelos antigos escoteiros do Grupo n.° 3.



Campo Internacional de Jovens Delegados

Vai realizar-se perto de Liége, na Bélgica, de 25 a 30 de Julho do corrente ano, a Conferência de Delegados Jovens das Fraternais de Antigos Escoteiros e Antigos Guias, em cumprimento do que foi deliberado no Congresso de Viena e a que o nosso jornal oportunamente se referiu.

O programa da reunião é constituído por dois assuntos. O primeiro trata-se da resposta à pergunta: «Os fins, Estatuto e o programa da Fraternal Internacional respondem às aspirações das jovens gerações de antigos e antigas?». «Como promover entre eles o desenvolvimento da Fraternal?»

O segundo ponto visa a apresentar sugestões com vista à Assembleia Geral e Seminário de 1975, a realizar na Dinamarca.

Cada país poderá fazer-se representar por dois ou três delegados com menos de 30 anos, O custo da estadia, incluindo alimentação é, de 1 250 francos belgas ou seja cerca de Esc. 810$00, estando previsto um suplemento para excursões».

Imprensa Escoteira

Tivemos o prazer de receber a visita dos seguintes boletins escoteiros, visita que muito agradecemos:

«O Penachinho», do Grupo n.° 36, de Luanda, referente a Dezembro.

«A Gralha», do Grupo 44, Tupinambás, da União dos Escoteiros do Brasil, em Erechim, de Agosto/Setembro.

«O Penacho», n.° 19, de Set./Out., do do Grupo 21, da U. E. B., de Coronel Fabriciano, Minas Gerais.

«Lorena», n.° 4, Set./Out. do Grupo Escoteiro Lorena, n.° 8.

«Velha Guarda» n.° 97, Out., dos Antigos Escoteiros da U. E. B., Rio de Janeiro.

«Nheengaba», boletim do 199.° Grupo Escoteiro, de Promissão da Região de São Paulo;

«Escoteiro do Planalto», boletim informativo da União dos Escotciros do Brasil, Região do Distrito Federal, com sede em Brasília. Às respectivas redacções enviamos as nossas saudações.

Publicações

1968/1973 — Cinco Anos de Governo

A Rádio Televisão Portuguesa teve a gentileza de nos enviar um volume da sua edição em epígrafe, onde fez arquivar importante colecção fotográfica de suas reportagens acerca da vida política do Presidente do Conselho. De excelente aspecto gráfico, constitui um artístico volume, cuja remessa agradecemos.

Um concurso por correspondência do Grupo 14, de Algés

O Grupo n.° 14 dos Escoteiros de Portugal promoveu um concurso interpatrulhas de correspondência. Por esse motivo, escrevem-nos os escoteiros João José dos Santos Fernandes, António Manuel da Conceição Guimarães, Alexandre Miguel Ochoa Mendes, e Florival F. Carvalho Salgueiro fazendo apelo para que outros irmãos escoteiros, tanto de Portugal como do Brasil ou ainda de qualquer país estrangeiro, lhes escrevam, propondo permutas ou troca de ideias. Quem quiser corresponder ao apelo destes camaradas escoteiros pode escrever para a Calçada do Rio, lote 4, 2.° esq.°, Algés, Lisboa-3.

LIII Poemeto filatélico

Diante do selo comemorativo do 2.° centenário da «Criação» do Ensino Primário Oficial português.

Duzentos anos de Lei;
duzentos meses de acção;
duzentos dias... bem sei:
para a realização.

Inda há tanto que fazer
em tarefa sem igual,
pra que todos saibam ler
em terras de Portugal!

Com honestas tentativas
que nosso amor não desdiz,
irão as letras esquivas
avassalando o país.

EDUARDO MOREIRA

OS TRÊS EMES DA GUERRA

Continuação da pág. 8

É intuitivo que a preparação dum ambiente de guerra se baseia em ficções tradicionais, excessos de interpretação do direito costumeiro, ou de mentiras inteiras, desabaladas, preparadas adrede, como as que a nossa Pátria está sofrendo — aliás recebendo cristãmente (e sagesmente) tantos repesos!

«Em tempo de guerra, mentira como terra», diz o velho prolóquio. A mentira gera, em todas as querelas sangrentas, nos que as sofrem ou a elas assistem, nuns o furor da indignação, noutros a indiferença do cansaço. Mas outros permanecem na ignorância incapaz de aprofundar causas e adoptar atitudes. Lembro-me de, há uns cinquenta anos, ter perguntado, numa rua do Porto, já a noite ia adiantada, a um soldado de arma em riste, quem é que estava nessa altura vencendo, (numa triste perturbação dessa época). O pobre rapaz, evidentemente perturbado, respondeu: «Não sei, meu senhor, mas pergunta-se ao nosso sargento»!

Hoje os soldados de Portugal sabem o que defendem. E na retaguarda também se sabe. Mas quanta mentira se inventa por aí fora, contra quem defende a herança dos seus maiores, a qual todavia se vai valorizando corajosamente!

A Morte segue a Mentira, com a pilhagem, o vandalismo destrutor e assolador, portadores da Fome e da Peste, fatais consequências da arte de matar. Os «pés velozes para derramar sangue», de que nos fala Salomão, vão semeando engenhos mortíferos e calúnias soezes. E não se poderão evitar os especuladores sem escrúpulos, cujo egoísmo enubla as nobres intenções.

A única nota humana a registar parece-me ser a dos que socorrem as vítimas, restauram as ruínas, minoram as dores, levantam os espíritos e sugerem soluções benignas com lealdade e larga visão.

*

Aqui fechei; mas surgiu-me em P. S. dois quadros da «antiguerra», sugeridos pelo Livro respeitado por Judeus, Cristãos e Muçulmanos. Vejamos:

José (com outro nome) delegado hebreu do Faraó de Além-mar (*faraó* significa «a casa», não se diz se branca ou colorida) viaja em missão pacificadora, pelo mundo faminto e sedento.

Golias (com outro nome) enorme e armado até aos dentes (de ferro) Zomba do pequeno David de Israel, mas surpreso e cauteloso.

... e o drama dos emes continua.

Eduardo Moreira



O Grupo N.° 60 de Vila Real de Santo António visitou Castro Marim

Escoteiros de Portugal do Grupo de Vila Real de Santo António voltaram a visitar a antiquíssima vila de Castro Marim, a quatro quilómetros de Vila Real, situada na margem direita do Guadiana, tendo acampado no velho castelo. O acontecimento suscitou vivo interesse na rapaziada e restante população local, tendo servido para despertar maior interesse pela ideia já existente de fundar ali um grupo de escutas.

*

Esta unidade dos Escoteiros de Portugal encontra-se em fase de boa actividade tendo realizado diversos bivaques, exploração nas matas nacionais, e uma excursão de bicicleta tendo visitado Castro Marim, S. Bartolomeu do Sul, Praia Verde, Monte Gordo, Santo António e regresso à sede. Nas povoações foram realizados jogos, exercícios e trabalhos com vista ao concurso «Patrulha de Ouro».

Em 24 e 25 de Novembro, o Grupo voltou a acampar no castelo de Castro Marim, tendo novamente atraído a atenção dos habitantes da localidade, a quem ofereceram uma festa de campo que agradou bastante aos espectadores.

Os Escoteiros dedicaram-se em Dezembro a embelezar a sua sede, realizando obras de restauro e limpeza, tendo construído um lindo presépio que foi muito apreciado.

Concurso «Patrulha de Ouro»

Decorre com grande entusiasmo o concurso «Patrulha de Ouro» que se está a realizar no Grupo 60. Há certo tempo, encontrava-se em primeiro lugar a Patrulha Poupa, com apreciável vantagem.

Nos dias 28 de Outubro e 1 de Novemgro o Grupo bivacou nas matas florestais de Vila Real, tendo efectuado excelentes trabalhos a contar para o concurso em vigor. — *Camarada Veia.*

*

A classificação das Patrulhas em Dezembro era a seguinte: 1.ª, a «Lobo» com 1190 pontos; 2.ª, a «Poupa» com 1090; 3.ª, a «Águia» com 685. — *Camarada Veia.*

AMIGOS EM TODA A PARTE...

Do Brasil continuamos a receber pedidos de correspondência de nossos irmãos-escoteiros. O Eduardo Valério, de 14 anos, residente na R. Dr. Alberto Seabra, 910 — 05452 — São Paulo, S. P., diz simpaticamente: «Sendo Portugal a nossa Pátria-Mãe, gostaria muito de receber um jornal escoteiro...» Foi enviado um jornal, mas talvez algum camarada português lhe queira dedicar uma saudação.

O Afonso Carlos Prado Júnior, R. Martiniano de Carvalho, 453, apt.° 71, São Paulo, gostaria de se corresponder com um irmão-escoteiro de Moçambique. Qual é o nosso companheiro da África Oriental que corresponde ao convite?

FUNDO MUNDIAL DE SELOS

O sr. José Luís Pinto Machado, do Grupo n.° 4, do Porto, enviou-nos alguns selos usados para este Fundo. Agradecemos.

CONVERSANDO

OS TRÊS EMES DA GUERRA

Alegrou-me saber que um prezado companheiro de Santarém me propunha a prioridade deste assunto, de facto tão candente e tão digno da nossa meditação, nos dias de hoje.

Os três emes a que me referi são: O *Muro*, a *Mentira*, e a *Morte*.

O Muro?! Sim. Esse é o símbolo do Medo, desde a mais remota antiguidade. Confunde-se facilmente o medo e o muro, no mesmo *M*.

A guerra nasceu do medo, e o medo construiu o muro. Mesmo a caverna anterior ao muro e sua inspiradora, está ornada de forma a considerarmo-la o refúgio onde a fera não entrava e o homem, possível inimigo, não seria recebido, a não ser com suspeição.

Dirá de ali o leitor amigo: mas não foi a ambição, o orgulho e a inveja que desencadearam a luta fratricida? E lembrará logo Caim e Abel (a «propriedade» e a «frustração», no seu curioso significado), os tipos bíblicos bem conhecidos, e infelizmente tão imitados. De resto Caim tornou-se o exemplo do medo depois do crime. E aí temos uma linha diversa, que se vai reproduzindo através das gerações, no seio das famílias, nos encontros tribais, nas assembleias clubistas, nos bastidores, nos palcos e nas plateias do teatro da vida.

Caim mata Abel com a língua, ainda que por vezes, tantas vezes, ai de nós! entra em acção o cacete, a navalha, o veneno e a pistola, depois da acção do linguaraz.

Porque a língua, «pequena acendalha que destrói um grande bosque», no dizer de Santiago, é a temível arma do Caim de todas as eras, servindo-se da insinuação leviana, do boato anónimo ou do insulto gratuito e enxovalhante.

Na mesma ou na outra linha temos a personagem também bíblica que segue Caim: Lameque, o «valentão» pioneiro da poesia hebraica, que às suas duas mulheres, Adá e Zilá (ou o «ornato» e a «sombra») narra em verso heróico que matou um homem. Parece-me este Lameque, poeta bígamo, a transição para Nenrode, o «esforçado caçador que afronta Deus», teórico e prático do belicismo «que começou a ser poderoso na terra», lá diz o Génesis.

Desde então se constroem (e destroem) os muros do medo. Alguns persistem, vencendo milénios. O exemplo clássico é hoje a «Grande Muralha»; construída para sustar as invasões dos Mongóis e dos Manchus na China.

Jericó é recordada pelas muralhas da sua quarta cidade, que caíram quando a união do povo, à voz de Deus, representada por singelas trombetas, as fez cair. Os judeus crentes, por muitos séculos, as têm recordado, assim como ao majestoso templo de Salomão, quando carpem suas penas junto ao Muro das Lamentações: o que resta da grandeza do velho Israel. Contudo um Israel jovem se tem erguido, vencendo o Medo, e muros económicos e políticos opostos, caem com fragor.

Daremos um grande salto por sobre tantos muros de medo e prudência (um bom disfarce) até ao «Muro da Vergonha» erguido ante os nossos olhos, na secessão de Berlim. Medo também!

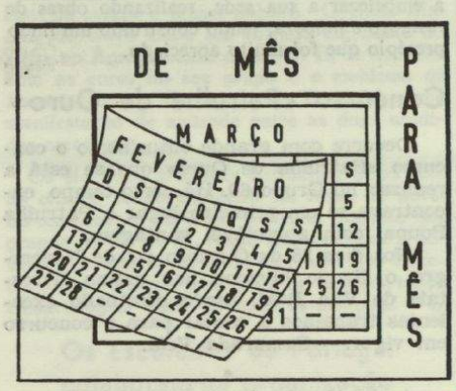
Quando penso nos muros, sou levado a pensar nas pontes, que são emblema do diálogo de paz. Mas o medo as destrói. Lembro entretanto a «Ponte do rio Kwai» onde um general japonês maltrata cruelmente os prisioneiros britânicos, mas no esconso da sua tenda contempla com ternura os retratos dos queridos ausentes, como se outro homem fosse. A crueldade quantas vezes mascara o medo, naquilo a que chamarei «satanosfera»!

Na nossa cidade de Lisboa, a propósito vem dizê-lo, em local vizinho da Avenida da Liberdade, há ainda um muro que esconde uma Sinagoga, por sinal belo edifício. Imposição da velha Carta Constitucional, foi esse muro emenda medrosa da lei anterior que de algum modo admitia a liberdade de crer como cada um crê. Desse género quantos há e haverá até que Cristo destrua «os muros da inimizade» de que São Paulo fala aos Efésios!

*

Mas voltemos à China. De lá veio o primeiro manual da arte da guerra, onde, se bem me recordo, se diz ser ela feita mentindo e matando. Ai temos, pois, M. M. M., à maneira das siglas em uso.

Continua na pág. 7



Realizar ou não realizar



Estamos no princípio do ano. Seria oportunidade para tecer algumas considerações sobre planos de trabalho para o Ano Novo. Fazer talvez sugestões. Fazer apelo a uma actividade mais intensa. Mas já estamos a ouvir, de todos os quadrantes, a habitual resposta. «Não precisamos que nos digam o que devemos fazer, precisamos é de quem realize, quem faça». Reconheçamos que têm razão. Faz falta quem trabalhe, quem realize, quem produza. Mas o inverso não é menos certo. Quem não trabalhe, quem não realize, quem não produza, porque não quer, não sabe ou não pode, não faz falta nenhuma.

Vamos, pois, em 1974 fazer todos alguma coisa nas Patrulhas, nos Grupos, nas Regiões e em todo o Movimento, para que todos façamos falta.

À LAIA DE GAZETILHA

Em tempos de alta querela,
com insultos de louquela,
alcunhavam (bem ou mal):
«gadelhudo», os de Castela,
«chamorro», os de Portugal.

Mas hoje, no fim de tudo,
nem preciso muito estudo
se desta forma discorro:
tanto faz ser guedelhudo
como ser simples «chamorro».

Contudo, para o escoteiro,
de lobito a caminheiro,
a «boa caça» alcançar,
corte um pouco, ande ligeiro:
terá mais água, mais ar.

Além disso, aqui pra nós:
sem desatarmos os nós,
quem não tem barba comprida
pode tratar dela a sós
sem usar insecticida.

Não que eu condene o cabelo;
não levo tão longe o zelo;
(em vós fica bem ou mal?)
Mas não foi o muito pêlo
que deu forças a Pombal.

Talvez muitos vos dirão
que deu forças a Sansão
contra os filisteus na liça?
A do Marquês, essa não:
era da moda... e postiça!

E. M.

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00